

Carapeços

CARAPEÇOS, orago S. Tiago, era uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga.

Esta freguesia *vem* nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = « De Sancto Jacobo de Carapezos », de Terra de Nevias.

Nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum; « et vadunt ad castellum, ergo de cauto et de quiniana de Menendo Sanchiz, et non pectant de illa vocem nec calumpniam »; que o rei não é o padroeiro desta igreja e que esta igreja tem sesmarias, Tibães 4 casais e uma sesmária, Carvoeiro 2 casais, Manhente 3 casais e Hospital um moio de renda.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz a respeito desta freguesia : « *In Judicato de Neoia*, Item, *in parrochia Sancti Jacobi de Carapezos*, que el-rey non est padron desta ecclesia, ca est Couto. Item . . . (fala em Carapetinos, Caridi, Real e Souto, lugares desta freguesia) et intra y Mayordomo del Rey a iiij.^{or} caomias; et vam ao Castello. Item, ouvirom dizer que in Carapetinos inserrava y o ganado o Mayordomo del Rey ».

É sita nesta freguesia a casa e quinta de Carapeços, de que trata o conde D. Pedro, Título 25, a qual foi depois conhecida pelo nome de quinta da Madureira, composta, segundo diz o P.^e Carvalho na sua Corografia Por-

tuguesa, a fl. 226, volume I, «de muitas fazendas, matas, montes e sabidos».

Foi senhor dessa quinta João de Carapeços, casado com D. Maria Martins de Carvalho, e depois o Infante D. Pedro, conde de Barcelos, que a deu a Pêro Coelho, grande valido e do conselho del-rei D. Afonso IV.

Sendo este Pero Coelho um dos assassinos de D. Inês de Castro, D. Pedro I, para vingar aquela morte, mandou-lhe arrancar, durante um banquete em Santarém, o coração pelas costas estando vivo.

Não contente com isso, este rei confiscou-lhe, juntamente com todos os seus bens, esta quinta da Madureira, que foi comprada pelo arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira.

Este arcebispo, fazendo dela prazo, passou-a por venda para os Figueiredos de Chaves.

A casa e quinta da Madureira, andando ultimamente nos Alcoforados da casa da Silva, da freguesia da Silva, do concelho de Barcelos, foi doada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Antónia de Sousa da Silva Alcoforado ao falecido arcebispo de Braga D. Manuel Vieira de Matos para nela estabelecer uma casa de repouso para os alunos do Seminário daquela cidade.

As voltas que algumas casas dão!

Foi nesta freguesia, na chã de São Miguel, segundo a opinião do Sr. José de Meneses, no seu livro «Ninharias», corroborada pelo Sr. Major J. Mancelos, no seu «Barcelos Resenha», que se deu em 1373 o recontro entre portugueses e castelhanos.

Lavrava cruenta guerra entre Castela e Portugal; Henrique II de Castela invadira o reino pelas Beiras e pusera a Lisboa apertado cerco reforçado pela esquadra do almirante Boccanegra, que para isso subira o Tejo.

O Entre Douro e Minho fora invadido por Pero Rodrigues Sarmiento, adiantado de Galiza, que em tremenda algara marchava sobre a cidade do Porto, talando e destruindo as terras por onde passavam e «chegarem ataa Barcelos » (1).

Saindo-lhe ao encontro o esforçado conde de Ceia, D. Henrique Manuel, tio do nosso Rei D. Fernando, foi derrotado, fugindo em seguida para Ponte do Lima.

Nuno Gonçalves, alcaide do Castelo de Faria, deixando este entregue à defesa de seu filho Gonçalo Nunes, foi em auxílio do conde de Ceia, mas como chegasse tarde, quando aquele conde já estava derrotado, caiu em poder do inimigo e prisioneiro foi levado junto do seu castelo para aconselhar o filho a que o entregasse aos castelhanos.

Deu-se então o feito heróico daquele alcaide, ao qual nos referimos quando tratamos do castelo de Faria.

É pois nesta freguesia de Carapeços que aqueles escritores localizam o mal sucedido combate do conde de Ceia com os castelhanos e o aprisionamento do heróico alcaide de Faria, Nuno Gonçalves, pêlos mesmos.

Há porém outros que são de opinião que esses factos não se deram nesta freguesia, mas sim na dos Feitos, deste concelho, à qual nos referiremos e exporemos as razões que a fundamentam, quando tratarmos desta freguesia.

Consta que a *Igreja Paroquial* de Carapeços esteve primitivamente no lugar do Cruzeiro, ao nascente e pouco distante da actual.

A construção desta deve ser do século XVIII, não podendo afirmar porém se foi nessa ocasião ou antes a sua mudança.

(1) *Fernão Lopes- Chronica d'El Rei D. Fernando, cap. LXXVIII.*

Está o actual templo situado em terreno elevado, no princípio da encosta do monte, e no centro de um pequeno adro vedado por parede com três entradas.

Ao lado direito da sua fachada em boa cantaria ergue-se uma sólida e bem construída torre para os sinos.

Atrás, de cada lado da capela-mor, estão as sacristias: do lado direito a da Confraria do Sacramento e do lado esquerdo a Paroquial.

Os cunhais deste templo são terminados por graciosas pirâmides e os outões encimados por cruzes, que lhe dão uma certa imponência.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado aos quatro cantos do tecto pelas imagens dos evangelistas, também pintadas.

O altar é em talha moderna e simples, tendo no pavimento dessa capela, além da sepultura paroquial, duas com tampas de pedra, mas sem inscrições.

O corpo da igreja é forrado a estuque liso, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro Santiago.

Tem dois altares laterais junto ao arco cruzeiro em talha simples e a seguir duas capelas.

A capela do lado direito é a do Sacramento, forrada a estuque e com altar moderno. Do lado do evangelho dessa capela vê-se metido na parede um pequeno altar em que se venera a imagem do Senhor dos Passos, que é antigo e em talha renascença.

Esta capela exteriormente tem metida na parede uma cruz em pedra em que se lê na base a data 1854, talvez a da sua reconstrução.

A capela lateral do lado esquerdo é conhecida por capela da Madureira; pertencia àquela casa, sendo doada há poucos anos à freguesia.

Actualmente está modernizada; forrada a estuque, o altar moderno e muito simples.

No pavimento ainda se vê uma sepultura em cuja tampa nos dizem tinha gravado um brasão que foi mandado picar pelo abade Coutada para apagar os vestígios da origem daquela capela!

Ao desbaste deste abade escaparam ainda algumas letras da inscrição que passamos a copiar = MADVREIRA — FIDALOSA — MORAN —1597=.

O coro da igreja, púlpito e pia baptismal são obra modesta.

À porta travessa, servindo de soleira, está uma pedra, que talvez fosse tampa de sepultura, com restos de inscrição ilegível, na qual apenas podemos decifrar a palavra « Pias »...

Em frente à Igreja, em um largo caminho, que vai até ao cemitério, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples, modesto e sem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* foi construído em 1925.

Até então faziam-se os enterramentos no adro, onde se vêem ainda algumas sepulturas com tampas de pedra e inscrições.

A *Residência Paroquial*, edifício de regular aparência, fica ao lado esquerdo da igreja com comunicação pelo adro e por um interessante pátio com seu alpendre.

No parapeito desse pátio vê-se gravada a seguinte inscrição: «BERNADO ABBAS BRACHARENSIS—1759».

O abade da inscrição deve ser o P.^e Bernardo de Barros, sucessor do P.^e Manuel Ferreira Velho e de Fr. Braz, paroquiando este a freguesia aí por 1729.

A não ser um pequeno oratório particular na casa dos Machados, a linda capelinha da casa de Pias, recentemente construída e também particular, não existem actualmente capelas nesta freguesia.

Houve a *Capela de São Miguel*, na chã do mesmo nome, hoje completamente em ruínas.

Existe apenas um montão de pedras a atestar o sítio onde esteve esta capela.

Houve ainda a *Capela de Santa Catarina*, no lugar de Santa Catarina.

Desta capela hoje nem vestígios há, pois uma junta de paróquia antiga vendeu a sua pedra.

Há ainda os seguintes padrões religiosos e *Alminhas*: as de Mamoá, as de Santo António e Senhor do Peito Furado.

As alminhas de Santo António, no lugar da Quinta, compõem-se de dois nichos metidos na parede de uma casa particular, um em que tinha um painel de alminhas hoje quase apagado e ao lado outro com a imagem em escultura de Santo António.

O Senhor do Peito Furado é um padrão muito interessante. Na esquina de uma casa de aparência modesta, virada ao caminho, vê-se uma cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado, tendo esta no peito um buraco, o que dá o nome ao Senhor.

Na base tem uma cruz gravada, fechada em redondo, tendo esta de um lado um animal esculpido que talvez seja um leão e doutra uma peça qualquer que não pudemos determinar.

Na orla do campo vê-se gravada uma inscrição que não soubemos ler, a não ser no final AVE MARIA.

Esta freguesia situada em planície estende-se pela encosta do monte de Carapeços, ramificações do da Figueiró e São Gonçalo, que a separa da de Fragoso.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Preguiça, a da Gramosa, a do Monteiro e a da Areosa.

É banhada pelo regato da Coutada, que nasce nesta freguesia e é afluente do ribeiro de Tamel.

É servida pela estrada de Barcelos a Ponte do Lima por Balugães e pela Linha Férrea do Minho e Douro, Apeadeiro de Carapeços, no cruzamento da estrada com a linha férrea ao quilómetro 57.

Confronta pelo norte, com a de Aborim e a de Quintiães; pelo nascente, com a de S. Fins do Tamel e a do Salvador do Campo; pelo sul, com a de Lijó e a da Silva; e pelo poente, com a de Santa Leocádia do Tamel e a de Fragoso.

A sua população no século XVI era de 55 moradores; no século XVII era de 105 vizinhos; no século XVIII ,era de 120 fogos; no século XIX era de 642 habitantes e actualmente é de 875 habitantes, sendo 409 varões e 466 fêmeas, sabendo ler 126 homens e 32 mulheres, havendo pois 717 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Quinta, Pias, Boucinha, Soutelo, Santa Catarina, Pás, Souto da Velha, Capela, Rio, Coutada, Pimenta, Sobreiro, Monte, Olival, Pedregal, Costa, Igreja, Fonte Nova, Moinhos, Coval, Picota, Bocal, Mamoá, Areosa, Sabaris, Câmera, Caride, Pedroga, Areeira, Gramosa, Porrido, Pi-carreia, Ufe, Estrada de Ufe e Máris.

As suas casas mais importantes são: a de Pias, a da Madureira, a do Pimentel, a dos Machados, a do Baptista, a da Gramosa, e a de Coval.

Tem quatro lojas de comércio, duas alfaiatarias, uma sapataria e um Armazém de venda de vinhos por junto.

Tem Caixa do Correio e Escola para o sexo masculino, de um lugar, que funciona em edifício arrendado. Este edifício está junto ao adro da igreja paroquial e pertenceu antigamente à Confraria do Sacramento. Por uma questiúncula qualquer entre o pároco desta freguesia de então e a Confraria, foi levada à praça esta casa que foi arrematada por preço módico, em Lisboa, por um soldado da

Armada, natural desta freguesia, que por acaso lá se encontrava.

Eis o resultado de uma intriga de sacristia: ficar a Confraria do Sacramento desta freguesia sem a sua casa. Pinho Leal, no «Portugal Antigo e Moderno», vol. II, páginas 102, diz correr na tradição que a primitiva matriz desta freguesia foi na capelinha de S. Miguel, na chã do mesmo nome, onde ia um clamor todos os anos no dia 29 de Setembro.

Não contestamos essa asserção, pois a tradição oral que corre acerca de factos que se deram no mesmo lugar onde ela se conserva é tão verdadeira e, às vezes mais do que algumas histórias escritas,

Pode ser que a primitiva matriz fosse na antiquíssima capela de S. Miguel, passando depois para o sítio que indicamos e por fim para onde está.